



**MARTINS FILHO, AMILCAR V.; CABRAL,
CLEBER ARAÚJO (ORG.). *1929 LEITE CRIÔLO
BELLO HORIZONTE*: EDIÇÃO FAC-SÍMILE.
BELO HORIZONTE: INSTITUTO CULTURAL
AMILCAR MARTINS, 2012. 152 P.**

Thiago Lenine Tolentino*

* thiago_lenine@yahoo.com.br

Doutorando em História pela Universidade Federal de
Minas Gerais.

A publicação em livro dos volumes de *leite crioulo* é algo que parece vir em atraso e, por isso, molda-se perfeitamente ao dito popular “antes tarde do que nunca”. Por sua mera existência histórica, mereceria já ter ganhado a forma livro, tornando seu conteúdo mais acessível a pesquisadores, estudantes, interessados pelo tema, curiosos, enfim, disponível ao público. Digo “mera existência histórica” porque uma das formas e meios mais profícuos no estudo da história da cultura brasileira é a análise de produções intelectuais, especialmente aquelas feitas em conjunto, como expressões de movimentos artísticos-literários, que procuram, de alguma maneira, realizar sínteses acerca da realidade nacional.

Sínteses intelectuais caracterizadas pela reflexão histórica, poética, literária, sociológica, antropológica, memorialística etc. – acionando vários marcos que orientam a cultura intelectual brasileira desde o século XIX.

Publicações como *leite crioulo* objetivavam tal realização, almejavam, mais que tudo, esta síntese que esteve mais clara no horizonte quanto menos as fronteiras disciplinares se delineavam e, por isso, não impediam, justamente, tentativas de voos largos em direção... a si mesmo, ao caráter nacional, à brasilidade, à identidade brasileira e a todas noções afins. A cultura intelectual brasileira, *grosso modo*, desde a “cor local” romântica aos ensaios clássicos sobre o caráter nacional,

e mesmo os estudos econômicos sobre a teoria da dependência, buscou a síntese moderna da nacionalidade. Não há neste processo, porém, um caminho unívoco, uma linha evolutiva. Pelo contrário. O que há são descontinuidades, conflitos, negações de negações, constelações de intérpretes do *enigma chamado Brasil*, conforme o título de uma recente publicação (BOTELHO; SCHWARZ, 2009). Talvez, a única permanência resida, em parte, naquele chavão “a cada geração a vida intelectual no Brasil parece recomeçar do zero” (SCHWARZ, 1987: 30). Permanência da descontinuidade incessante.

Quando, em 13 de maio de 1929, aparece o tabloide *leite crioulo*, trata-se, portanto, de mais um problema, de mais uma série de questões, de mais um ingrediente para o complexo cultural que é a história intelectual brasileira. Seu contexto e razão de ser, como bem apontam os apresentadores desta edição fac-símile, Fernando Correia Dias e Miguel de Ávila Duarte, é o Modernismo dos anos 1920. Atualmente, não há dúvida, deve-se falar em *modernismos*, visto a variedade de propostas estéticas e políticas que marcaram o movimento. De acordo com que vínhamos afirmando, os anos 1920, década de modernismos, constituem um momento incontornável daquela reflexão e questionamento acerca do caráter nacional e da identidade brasileira no interior da história da cultura intelectual do país. Falar em modernismo é incorrer

em terreno meio espinhoso, seja pela profusão bibliográfica existente, sejam pelas disputas em torno do que é ou deva ser considerado modernismo. Sobre esta questão, Arnoni Prado falou em falsa vanguarda (PRADO, 1983), a fim de separar o joio do trigo e, mais recentemente, Daniel Faria problematizou, de forma contundente, determinadas hierarquizações construídas por tradições modernistas (FARIA, 2006).

Esses debates ocorrem porque a memória e a história são terrenos em disputa e o movimento modernista, neste sentido, é um exemplo significativo acerca desta condição da relação com o passado. Dessa forma, dependendo de quem lembra, de como se lembra e do que se lembra, o “objeto” lembrado aparece em uma forma determinada e associado a certas características. A historiografia compartilha desta condição procurando, porém, ser resguardada por uma comunidade científica que tenta lhe afiançar uma objetividade intersubjetivamente condicionada (KUHN, 1999). Vivemos em uma época de constante reflexão sobre as relações entre história e ficção, história e criação, história e invenção. O debate que, no século XIX, travou-se em torno da epistemologia das ciências, distinguindo-as, *grosso modo*, entre naturais/explicativas e espirituais (humanas)/compreensivas (REIS, 2003), na segunda metade do século XX, explorou as relações entre a composição, escrita e exposição da historiografia e os fundamentos da produção ficcional, poética e literária

(LIMA, 2006). O que nos interessa aqui é ressaltar esta reflexão sobre a *historicidade* da historiografia a fim de podermos, mais que substituir uma valoração por outra, notar as questões distintas que cada presente se coloca em sua relação com o passado. Neste caso, o movimento modernista.

Algumas tendências correntes na abordagem dos modernismos e da produção intelectual dos anos 1920 procuram deslocar um pouco os eixos de possibilidades interpretativas do período. Eventos centrais, temporalização canônica e nomes recorrentes passam a compor o horizonte do percurso interpretativo, mas não determinam mais os caminhos seguidos pela análise preocupada em dialogar com a história cultural, a teoria da literatura, a crítica literária e a história social. O processo de transdisciplinarização tende a gerar novas perspectivas que, além de problematizarem teses consolidadas, reinserem entre o presente e o passado a dinâmica investigativa. Fatos centrais, como a Semana de Arte Moderna (1922), passam a ser notados em sua relação com a experiência da modernidade na cultura intelectual brasileira, mas não como instituinte determinante desta. A própria série de alguns nomes, para ficar só nos escritores, que compõe a Semana (Graça Aranha, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Ronald Carvalho, Menotti del Picchia, Mário de Andrade) já revelaria, se contrapostas as biografias e obras de cada um, o quanto este evento é antes um problema de

construção, tanto lá quanto cá, do que uma origem clarividente. Alguns trabalhos têm preferido, assim, visar aos percalços da Semana mais do que sua posição de índice vanguardista originário (GONÇALVES, 2012; BOAVENTURA, 2008; SEVCENKO, 1992; THALASSA, 2007). Do mesmo modo, algumas periodizações canônicas - por demais rígidas, como a que se centraliza em noções como a de “pré-modernismo”, ou a que é mais generalizante, que enxerga o modernismo como processo que dura dos anos 1920 à década 1950 (MARTINS, 1970) - tendem a ser retrabalhadas. Mesmo a clássica consideração do romance de 1930, como modernista, não é um ponto pacífico entre os próprios romancistas (BUENO, 2006).

Observe-se, portanto, que mesmo a tradição dos estudos acerca do modernismo torna-se fonte para a investigação do fenômeno que se revela tanto em sua irrupção temporal, quanto em seu recorrente processo de reconstrução histórica e memorialística. Dessa forma, a publicação de *leite crioulo* permite-nos ter contato com a riqueza e complexidade destas produções em sua integridade, que sempre escapa às sínteses da história e da memória. O mesmo pode ser dito sobre os periódicos modernistas: *Klaxon*, *Estética*, *Terra Roxa*, *Festa*, *Verde*, *Antropofagia* e outros. Todos abrigam uma série de nomes, temas, debates, questões e preocupações que, não raro, comprometeriam algumas apreciações canônicas sobre

o caráter unívoco destas publicações. Explorar a complexidade, as contradições, as mudanças, os processos de legitimação e repúdio é uma chave para investigação da história da cultura intelectual brasileira deste período. Observado no interior desta história, o modernismo surge como uma espécie de nó, de ruptura, mas também de *atualização*, em relação aos processos que vinham marcando a intelectualidade nacional. Desde as experiências cosmopolitas que marcavam a vida na *Belle Époque* carioca (BROCA, 1975; CAVALCANTI, 2001) e paulista (FOLLIS, 2003), até a emergência, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, de uma *questão nacional* (OLIVEIRA, 1990), notadamente evidenciada nas páginas da *Revista do Brasil* (LUCA, 1999), nota-se que o modernismo está conectado diretamente à cultura intelectual brasileira coetânea, ainda que seja para refutá-la.

Traços desta relação tensa e profícua entre a tradição e a modernidade, experimentada nos movimentos modernistas, podem ser observados na própria trajetória intelectual de seus membros. Vários começaram em franco diálogo com as tradições mais conservadoras possíveis, como as peças de teatro (1915) escritas em francês por Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida e dedicadas ao então prefeito de São Paulo, Washington Luís. Enfim, não se trata de uma negação do caráter moderno, vanguardista, inovador e iconoclasta do modernismo, mas de que sua história envolve

uma relação mais rica e interessante com a cultura intelectual brasileira à época. Assim, nota-se que se o nacionalismo reivindicado pelos modernistas como chave de compreensão e produção artística vestia as formas e concepções ligadas às vanguardas europeias, quando pensado politicamente, este mesmo nacionalismo parecia sempre disposto a dialogar com tendências autoritárias e, não raro, fascistas. Margens interpretativas que surgem, afinal, dos editoriais da belo-horizontina *A Revista*, que reclamava, em pleno governo do mineiro Arthur Bernardes, que comandou o país durante quase todo seu mandato (1922-1926) sobestado *de sítio*, que “na ordem interna, é forçoso lançar ainda uma afirmação. Nascidos na República, assistimos ao espetáculo quotidiano e pungente das desordens intestinas, ao longo das quais se desenha, nítida e perturbadora, em nosso horizonte social, uma tremenda crise de autoridade (...). No Brasil, ninguém quer obedecer” (ANDRADE, 1982: 337). E, no segundo editorial, “sentimos a necessidade do governo ser a função de uma vontade forte, de um espírito dominador” (ALMEIDA, 1982: 340).

Em 13 de maio de 1929, *leite crioulo* surge como um tabloide distribuído gratuitamente ao público, na data comemorativa dos 41 anos da abolição da escravidão. Posteriormente, *leite crioulo* torna-se suplemento semanal no jornal *Estado de Minas* entre 02/06/1929 e 29/09/1929. Os principais nomes que

fundaram e dirigiram *leite criôlo* foram João Dornas Filho, Achilles Vivacqua e Guilhermino César. A publicação, porém, contou com dezenas de colaboradores, inclusive nomes presentes em outras produções congêneres como a *Revista de Antropofagia*, que estava em sua segunda denteção, em formato, aliás, muito similar ao de *leite criôlo*, visto que a revista de Oswald de Andrade era um suplemento do jornal *Diário de São Paulo*. Também contribuíram com *leite criôlo* nomes da revista *Verde* de Cataguases, que se encontrava em fase final. Nota-se ainda o registro que *leite criôlo* fizera de outras publicações modernistas, como *Arco e Flecha*, da Bahia, dirigida por Carlos Chiacchio, e da mensal *Samba*, também da Bahia, organizada como *Mensário Modernista de Letras, Artes e Pensamento* e que publicara, como lembra Achilles Vivacqua, poemas de Mário Vilhena, “aqui de Passa-Quatro do Sul de Minas”. Vários nomes de diferentes regiões do país apareceram em *leite criôlo*. E, como afirmamos acima sobre a complexidade modernista, nomes das mais distintas orientações intelectuais: Carlos Drummond de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Abgar Renault, Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Guilhermino César, Mário de Andrade, João Dornas Filho, João Alphonsus e outros.

Os estudos introdutórios de Fernando Correia Dias e Miguel de Ávila Duarte são bastante esclarecedores, seja no que diz respeito à recepção que *leite criôlo* vivera à época,

seja em torno da fortuna crítica que a publicação tivera no interior das histórias do modernismo. Em 1929, houve tanto aqueles que celebraram o aparecimento de *leite criôlo*, quanto os que de lhe depreciaram a razão de ser. Repercussões positivas são possíveis de serem encontradas em *Folha da Noite*, *Diário de Minas*, *O Globo* e *Estado de Minas*. João Alphonsus, porém, no *Diário de Minas*, ironizara *leite criôlo*, sugerindo que a folha saísse apenas em datas comemorativas, espaçadamente, nos dias 21 de abril, 13 de maio, 15 de novembro, etc., como as bandas de música do interior. Já no seio da literatura especializada sobre o movimento modernista, como aponta Miguel de Ávila Duarte, *leite criôlo* ocuparia uma posição apagada. Posição, porém, desconcertante, uma vez que a publicação é reconhecida como a primeira a explicitamente destacar a matriz negra e africana da nacionalidade brasileira, ao mesmo tempo em que, não obstante, abriga um discurso notadamente racista e, não raro, racista.

Esta questão é criticamente desenvolvida por Miguel de Ávila Duarte. Notemos, apenas, que *leite criôlo*, em suas páginas, parece ter aberto mão de um programa explícito, conforme afirma Guilhermino César: “O programa que vocês querem, nós iremos desenvolvendo naquilo que fizemos” (CÉSAR, 1929: 84). Por outro lado, como bem apontam Dias e Duarte, os artigos de Achilles Vivacqua em *leite criôlo* e a entrevista concedida por João Dorna Filho à *Revista de*

Antropofagia formaram um conjunto de definições que possibilitaram a explicação sobre o que seria o “criolismo” de *leite crioulo*. Seguindo Antônio Sérgio Bueno,

Em síntese, o criolismo oscila entre duas significações: o próprio nome do movimento representado pelo leite crioulo e a denominação de excessos a ser expurgados do “caráter nacional”, sendo que nessa segunda acepção, criolismo pode ser lido como uma condensação que representa por si só várias cadeias associativas em cuja intersecção se encontra. A condensação esbate os traços que não coincidem para reforçar o dado comum (a ideia do excesso no caso) (BUENO apud DIAS, 2012: 11).

A ambiguidade fundamental seria esta: o criolismo é o que deve ser superado. Aquilo que mais nos caracteriza, seguindo estas definições, seria justamente nosso maior defeito. O nosso excesso. Como afirma Vivacqua,

De uma feita um sujeito chamado [Charles] Richet gritou na França que o negro só presta pra duas coisas no mundo: “fabricar” ureia e gás carbono. Ao brasileiro ele deu mais que isso. E é justamente esse mais do que isso que nós não queremos dele. (...) Arranjemos um processo de desnatar. A manteiga gostosa é a fala deles que nós queremos bem. Queremos bem como se fosse o presente *meio forçado* do seu trabalho. Mas nem todo desptismo [sic] de presente se bota na sala para gozo das visitas.

Alguns vão pro fundo da mala. / Bem querer a todos tem sido a enorme falta nossa (VIVACQUA apud DUARTE, 2012: 56)

Visto em seus textos mais programáticos, *leite crioulo* ficou no rodapé do modernismo, como sentencia Jorge Schwarz: “*Leite crioulo* é hoje considerada uma revista pioneira no contexto do modernismo, ao tratar de forma exclusiva a temática negra, embora seja imatura, para não dizer racista, a maneira como discute tal questão” (SCHWARZ apud DUARTE, 2012: 42). Mas, apesar de estar no “rodapé” da memória, não se podem apagar suas relações com as manifestações canônicas e consagradas do modernismo. Como dissemos acima, João Dornas define alguns traços de *leite crioulo* na *Revista de Antropofagia* no mesmo dia, aliás, em que o periódico publicara carta de Carlos Drummond de Andrade na qual este se negava a filiar-se ao movimento de Oswald de Andrade. Este, por sua vez, convocara os mineiros a se decidirem sobre os rumos da literatura e Dornas Filho, ao menos em um primeiro momento, na entrevista citada, fez sua opção: “A finalidade do criolismo é mais ou menos a mesma da antropofagia. É a mesma de todos os modernistas nacionalizadores. Talvez o caminho é que tenha pequenas variantes, que absolutamente não nos desviarão do fim desejado, porque estamos bussolados de muita vontade de acertar” (DORNAS FILHO apud DUARTE, 2012: 49).

Também a relação com Paulo Prado, e especialmente com a obra *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), é recorrente nas concepções de *leite criôlo*, assim como temas do clássico *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Conforme nota Duarte:

O que se percebe aí [na tentativa de isolamento de *leite criôlo*] [...] é a impossibilidade de incluir no cânone do modernismo momentos nos quais são veiculados valores que não são mais os nossos. Em muitos sentidos o projeto de *leite criôlo* é o de um antropofagismo racista, expressão que parece hoje ser, por si mesma, um disparate: o resgate da antropofagia de Oswald a partir dos anos 1960 se deu, em parte, pela vinculação entre vanguarda estética e vanguarda política, cultural, ética, sexual etc. (DUARTE, 2012: 42).

Os trânsitos recorrentes entre membros de *Antropofagia*, *Verde*, *A Revista* e *leite criôlo* revelam que os contatos entre os movimentos eram muito maiores que a impermeabilidade que a história canônica do modernismo parece querer assegurar. Ao mesmo tempo, gostaria de lembrar que, as definições eugênicas e racistas do criolismo não repercutem de um modo hegemônico, unívoco e coerente na revista. Sendo muito mais restritas aos artigos de Achilles Vivacqua, após os primeiros números do suplemento, estas contribuições vão se tornando rarefeitas. Assim, como contraponto, gostaria

de citar os trabalhos de Francisco L. Martins Filho, “13 de maio” e “mais uma adesão”; Guilhermino César, “mexerica se conhece pelo cheiro”; Oswald A Brita, “A propósito de uma aparição”; Achilles Vivacqua, “Samba”; Diderot Coelho Júnior, “O poeta obscuro ou o poema do amor desiludido”; José Guimarães Alves, “dança de Salomé mulambo”; Edison Magalhães, “movimento criôlo”; Odorico Costa, “se isto é leite criôlo, eu sou leite criôlo”; Albano de Moraes, “mixed pickles brasileiros”. Todos textos podem ser facilmente encontrados no índice final que acompanha o volume, facilitando muito a consulta rápida. Trata-se, neste simples arrolamento, de se observar de modo menos estigmatizado *leite criôlo*, uma vez que temas como racismo, racismo, autoritarismo e identidade nacional, longe de serem pontos pacíficos, são objetos de disputa no interior da cultura intelectual brasileira durante os anos 1920 e 1930. Na verdade, pode-se dizer que o são até hoje.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Martins de. Para os espíritos criadores. In: TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Para os céuticos. In: TELLES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOAVENTURA, Maria Eugênia (org). **22 por 22: A Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos**. São Paulo: EdUSP, 2008.

BOTELHO, André; SCHWARZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BROCA, Brito. **A Vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: EdUSP; Campinas: Editora Unicamp, 2006.

CAVALCANTI, Lauro (org). **Quando o Brasil era moderno**. Artes plásticas no Rio de Janeiro 1905-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CÉSAR, Guilhermino. mexerica se conhece pelo cheiro. In: MARTINS FILHO, Amílcar V.; CABRAL, Cleber Araújo (Org.) .**1929 Leite Criôlo Bello Horizonte**: edição fac-símile. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

DIAS, Fernando Correia. Prefácio. In: MARTINS FILHO, Amílcar V.; CABRAL, Cleber Araújo (Org.) .**1929 Leite Criôlo Bello Horizonte**: edição fac-símile. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

DUARTE, Miguel de Ávila. Estudo crítico. In: MARTINS FILHO, Amílcar V.; CABRAL, Cleber Araújo (Org.) .**1929 Leite Criôlo Bello Horizonte**: edição fac-símile. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2012.

FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922: a semana que não terminou**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo. Nova Cultural 1999.

LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Unesp, 1999.

MARTINS, Wilson. A crítica modernista. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970. v. V.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PRADO, Antônio Arnoni. **1922 – itinerário de uma falsa vanguarda – o dissidentes, a Semana e o Integralismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

REIS, José Carlos. **Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais**. Londrina/PR: Eduel, 2003.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. **Que horas são?** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole...** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

THALASSA, Ângela. **O primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Comunicação, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2007.